

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA**  
**27 e 29 de Junho de 2022**

**PLANET OF THE VAMPIRES / 1965**

*Um filme de Mario Bava*

Realização: Mario Bava / Argumento: Mario Bava, Ib Melchior, Alberto Bevilacqua, Callisto Cosulich, Antonio Román, Rafael J. Salvia e Louis M. Heyward, baseado numa história de Renato Pestrinero / Direcção de Fotografia: Antonio Rinaldi / Direcção Artística e Cenários: Giorgio Giovannini / Guarda-Roupa: Gabriele Mayer / Música: Gino Marinuzzi Jr. / Som: Eugenio Fiori e Mario Ronchetti / Montagem: Romana Fortini e Antonio Gimeno / Efeitos Especiais: Mario Bava e Carlo Rambaldi / Interpretação: Barry Sullivan (capitão Mark Markary), Norma Bengell (Sanya), Angel Aranda (Wess Wescant), Evi Marandi (Tiona), Stello Candelli (Brad), Franco Andrei (Bert), Fernando Villena (Dr. Karan), Mario Morales (Eldon), Ivan Rassimov (Carter), Federico Boido (Keir), etc.

Produção: Italian International Film – Cooperativa Cinematográfica Castilla – American International Pictures / Produtor: Fulvio Lucisano / Produtor Executivo: Samuel Z. Arkoff / Cópia: Digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 88 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

É curioso constatar que a ficção científica, no cinema europeu, tem provavelmente muito mais “história” nas produções vindas do Leste do continente do que nas feitas no Oeste. Apesar do **Frau im Mond** de Lang, ou dos condimentos futuristas de alguma “avant-garde” francesa (certos filmes de L’Herbier ou de Gance), ou de produções britânicas como **Things to Come** (ou mesmo o **2001** de Kubrick, que é uma co-produção anglo-americana inteiramente ou quase rodada em solo britânico), dir-se-ia que a ficção científica, na Europa Ocidental, nunca se tornou propriamente um “género”, ou tardou em tornar-se um. Quando isso finalmente aconteceu, não é surpresa que tenha acontecido no cinema que até mais tarde conservou uma lógica de produção industrial assente em “géneros”: o italiano. Há provavelmente mais filmes passíveis de inscrição na ficção científica feitos em Itália nos anos 60 e 70 do que no resto da Europa ocidental, todas as décadas somadas. **Planet of the Vampires**, que é a versão em língua inglesa de um filme que na versão em italiano se chamou **Terrore Nello Spazio**, foi aí uma alavanca fundamental. Sem ele, quase de certeza não haveria, por exemplo, **Barbarella**, o filme franco-italiano de Roger Vadim que claramente deve bastante (o ambiente muito “pop”, muito “BD”) ao filme de Mario Bava.

Bava, cujos filmes, desde o primeiro, **La Maschera del Demonio**, alcançavam um razoável sucesso nos Estados Unidos, onde eram distribuídos pela AIP de Samuel Arkoff, também responsável pelos filmes fantásticos e “low budget” de Roger Corman. Tão consistentes eram os ganhos económicos com essa distribuição que Arkoff decidiu começar a pôr algum dinheiro da AIP (mas não muito: o orçamento total de **Planet of the Vampires** está estimado no equivalente a 200 000 dólares...) também na produção. E é assim que, tecnicamente, **Planet of the Vampires** é um filme parcialmente americano (com o elenco encabeçado por uma vedeta de “médio coturno” vinda de Hollywood, o sempre excelente Barry Sullivan), em co-produção com estúdios italianos e espanhóis, de onde vem o restante elenco (incluindo a brasileira Norma Bengell, que depois de

revelada nos alvares do Cinema Novo, em filmes de Ruy Guerra ou Anselmo Duarte, estava já há alguns anos a fazer carreira em Itália).

O filme de Bava teve um acréscimo de fama muitos anos mais tarde, quando o argumentista do **Alien** de Ridley Scott, Dan O'Bannon, reconheceu que em certas passagens se tinha directamente inspirado em **Planet of the Vampires**. Mas, como no caso da relação entre **Ikarie XB1** e **2001**, o interesse da obra transcende em muito a verificação daquilo que um filme muito famoso foi buscar a um filme muito obscuro – até porque os dados narrativos com que o filme de Bava trabalha também não são propriamente originais, são mesmo um “tropo” de uma grande tradição da “fc”, cf. **Invasion of the Body Snatchers**, e até para além dela, cf. a longa tradição de “duplos” e “doppelgangers” que se encontra em certas correntes da literatura e do cinema alemães, entre outros exemplos possíveis. Mais do que descendências e filiações, **Planet of the Vampires** vale sobretudo por ser mais um caso de superação – por obra e graça da mise en scène e das escolhas que presidem à mise en scène – dos magros recursos de produção, rumo a uma obra que adquire uma personalidade própria e não se confunde nem com os meios nem com o “budget” ao dispor. O trabalho sobre a cenografia, por exemplo, sejam os interiores da nave, sejam os “exteriores” no solo do “planeta misterioso”. Ao mesmo tempo que tudo tresanda a cartolina e esferovite, Bava puxa por aquilo tudo até à abstracção, e várias são as cenas em que a planificação parece uma sucessão de composições visuais vanguardistas, o ecran a decompor-se em formas geométricas variadas (círculos e espirais, mas também quadrados e rectângulos), decomposição que é, frequentemente, o grande acontecimento visual de cada plano ou, mesmo, de cada sequência. Não é dizer que Bava “desvaloriza” a narrativa, muito assente em estereótipos; justamente ao contrário, é dizer que a *valoriza*, que intensifica as suas propriedades arquetípicas, e que o banho de cores muito vivas e muito espectaculares (os salpicos de verdes, vermelhos, azuis, amarelos...) é ao mesmo tempo uma forma de inscrever o filme em algo tão popular como a banda desenhada e tão “moderno” como a “pop art” (são coisas muito diferentes, bem sabemos, mas por que não aproximar o filme de Bava da maneira como, por esta altura, JLG andava a usar a cor, por exemplo no **Pierrot le Fou** que também se estreou em 1965?...).

Tudo isto é mais do que suficiente para justificar a recuperação do filme, e atestar a grandeza de Mario Bava.

Luís Miguel Oliveira